Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Tragédia em dois tempos: a cobertura jornalística dos incêndios do Gran Circo Norte-Americano e da boate Kiss, separados por 50 anos[1]

Rogério Martins de Souza[2]
Renan Henrique Rodrigues Ferreira da Silva[3]
Centro Universitário de Volta Redonda, RJ

Resumo

Pouco mais de 50 anos separam duas das maiores tragédias envolvendo incêndios na história brasileira: as chamas que destruíram o Gran Circo Norte-Americano, em 1961, na cidade de Niterói, Rio de Janeiro, e a consumação da boate Kiss pelo fogo, em janeiro de 2013. Este artigo científico se propõe a comparar estas duas tragédias separadas pelo tempo analisando a evolução dos meios de comunicação entre 1961 e 2013. Analisa parte das mudanças na imprensa nestas décadas, tomando como ponto de partida estes dois eventos trágicos. Busca entender o que mudou na rotina e no perfil do jornalista desde então, como se deu a modernização da imprensa neste período, como foi a adaptação do profissional às novas mídias eletrônicas e digitalizadas. E, também, quais os aspectos similares e diferentes da cobertura entre as duas grandes tragédias.

Palavras-chave: Jornalismo; imprensa; tragédia; tempo; modernização.

Introdução

Cinquenta e dois anos separam duas das maiores tragédias envolvendo incêndios na história brasileira. Em dezembro de 1961, às vésperas do Natal, mais de 500 pessoas (o número exato nunca foi demarcado), em sua maioria jovens e crianças, morreram enquanto assistiam à matinê do Gran Circo Norte-Americano, em Niterói, no estado do Rio de Janeiro. Em janeiro de 2013, centenas de jovens[4] - em grande parte universitários que arrecadavam fundos para suas festas de formatura - encontraram a morte após um dos músicos da banda que se apresentava no interior da boate Kiss, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, lançar inadvertidamente um foguete (de artifício) no teto do palco do local.

---

[1] Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutor em Comunicação pela UFRJ. Professor dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Volta Redonda (UNIFOA), no Rio de Janeiro. Possui pesquisas direcionadas ao jornalismo impresso, sua história e seu papel na contemporaneidade. Email: rogerms@uol.com.br

[3] Estudante de graduação - 2º ano de Jornalismo da UniFOA. Email: renanhenrique@gmail.com

[4] Até julho de 2013, o número de vítimas contava 242 mortos.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Falta de prevenção contra acidentes, descaso das autoridades, ganância dos proprietários, ambientes com pouca segurança. Todas estas características - presentes em ambas as tragédias - mostram que a realidade brasileira pouco ou nada mudou em cinco décadas. O Brasil infelizmente acostumou-se a acompanhar suas tragédias anunciadas pelos meios de comunicação, sem que a situação melhore para os principais envolvidos: as vítimas expostas ao fogo.

No entanto, no que concerne à cobertura dos veículos de comunicação, podemos afirmar categoricamente que esta se transformou bastante. Se, no primeiro caso, uma cidade traumatizada pelo incêndio no circo acompanhou o fato pelo rádio, jornais e uma incipiente televisão (na época, a TV contava apenas onze anos no Brasil, e era ainda um veículo caro e para poucos), em 2013, na tragédia da boate em Santa Maria, o Brasil inteiro acompanhou a cobertura jornalística por meio de diversas mídias - muitas delas nem haviam surgido em 1961, como os portais jornalísticos e as redes sociais da internet.

Este artigo se propõe a analisar a evolução dos meios de comunicação entre 1961 e 2013 a partir da comparação da cobertura midiática destas duas tragédias separadas pelo tempo. Justificamos a pertinência da pesquisa por considerarmos de grande importância ressaltar as transformações que a cobertura jornalística sofreu nestes 52 anos - o que mudou na rotina e no perfil do jornalista desde então, como se deu a modernização da imprensa neste período, como foi a adaptação do profissional e dos meios às novas mídias eletrônicas e digitalizadas.

A metodologia buscou a consulta bibliográfica documentada em livros, artigos científicos, jornais, revistas e sites jornalísticos da internet que discorreram sobre a cobertura dos dois grandes incêndios e também sobre as transformações no contexto histórico, a chegada da globalização e a internet proporcionaram à sociedade como um todo e ao jornalismo em especial em cinco décadas. Delimitamos como recorte temporal um mês de cobertura jornalística para cada evento - em 1961 e 2013, ou seja, o período imediatamente posterior às duas grandes tragédias, usando como corpus da pesquisa a cobertura jornalística realizada nas duas tragédias e o alcance das tecnologias de transmissão de informações midiáticas separadas pelo período de 52 anos. Ressaltamos que este artigo é parte de uma pesquisa em andamento, dentro de um projeto de iniciação científica universitário. Portanto, os resultados obtidos podem ser considerados preliminares.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Niterói, dezembro de 1961

Se pararmos para analisar 1961 dentro da história brasileira a partir das reações da sociedade aos acontecimentos, podemos dizer que o brasileiro começou o ano esperançoso, ficou perplexo no meio do caminho e terminou o período sob grande tristeza. Em janeiro, o estado geral do brasileiro era de esperança por dias melhores, representada pela posse de Jânio Quadros na presidência, em 31 de janeiro. Em agosto, o estado de espírito se alteraria para a perplexidade, devido a um fato inusitado: pela primeira vez na história da república, um presidente eleito de forma direta renunciava ao cargo. O vice, João Goulart, assume, mas mesmo assim uma crise política se inicia, só debelada pela adoção do regime parlamentarista. E em dezembro, próximo ao Natal que se aproximava, a sociedade embarcou num estado de profunda tristeza após a morte de centenas de pessoas no incêndio de um circo em Niterói. Trata-se até hoje da maior tragédia circence da história brasileira e internacional, aquela com maior número de mortos[5] e uma das de maior repercussão, tanto no Brasil como no exterior.

Para este tópico, elaboramos a seguinte questão: como a notícia do incêndio se difundiu pelo mundo inteiro? Através de que meios?

Em 1961, a população de Niterói chegava perto dos 300 mil habitantes, mas conservava o ar provinciano que nem o status de capital de estado era capaz de afastar[6]. Suas poucas opções de lazer se resumiam aos cinemas, aos bares e à praia (Ventura, 2011, p. 43). Poucas pessoas tinham acesso à TV, ainda um bem de luxo àquela época, de forma que os principais meios de comunicação eram os jornais impressos e o rádio. Foram estas mídias, além da informação boca a boca da tragédia, que disseminaram a catástrofe do circo para o mundo inteiro.

Não havia um jornal ou programa de rádio de circulação nacional, fato que só se tornaria realidade em 1969, com o início das transmissões do Jornal Nacional, na TV Globo, surgida em 1965. Os jornais de grande circulação, tal como na década anterior, eram poucos, concentrados no Rio de Janeiro e São Paulo, os dois grandes centros nacionais. Os incipientes sistemas de telecomunicações, as deficiências dos correios e as precárias condições das redes e meios de transportes eram fatores que impediam a expansão rápida da comunicação por todo o território nacional (Abreu, 2002, p. 9).

[5] O prefeito estabeleceu em 503 o número final de mortos, mas a contagem final nunca foi esclarecida (Ventura, 2011).
[6] A cidade deixaria de ser capital do estado em 1975, com a fusão do estado do Rio de Janeiro com o estado da Guanabara.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

No entanto, os anos 50 foram também um período de grande modernização na imprensa brasileira. Jornais como *Última Hora*, com sua diagramação revolucionária para a época, e o *Diário Carioca* - responsável pela introdução do *lead* na imprensa brasileira – foram modelos de jornais que representavam uma era marcada pela paixão política (Abreu, 2002, p. 11). Foi também um período em que a industrialização crescente no segundo governo de Getúlio Vargas (1950-1954) e prosseguida no governo Juscelino Kubitschek (1956-1960) possibilitou à imprensa brasileira com que aos poucos se desvencilhasse dos favores do Estado para agora seguir outro comando: o da publicidade. Ou seja, é a época na qual temos no Brasil o que Habermas descreve como a mudança estrutural na esfera pública: a esfera pública, representada pela imprensa burguesa, cuja esfera de atuação privilegiava a política e as relações do poder representativo com a sociedade, vai aos poucos sendo dominada pelos ditames do mercado e da publicidade:

> (...) Era preciso, agora, anunciar produtos como automóveis e eletrodomésticos, além de produtos alimentícios e agrícolas. Em pouco tempo, os jornais passaram a obter 80% de sua receita com anúncios. A ocupação do espaço com publicidade passou a ser administrada por uma tabela de preços calculada em centímetros de coluna ou em frações de tempo no rádio ou na televisão. A publicidade também obrigou os jornais a se preocupar em aumentar a circulação, já que as agências preferiam entregar seus anúncios aos veículos de maior tiragem, que cobrissem as maiores áreas do território nacional (ABREU, 2002, p. 10).

Em sintonia com os novos tempos e a ascensão de uma nova superpotência mundial, sombolizada pelos Estados Unidos e sua cultura, o Brasil aos poucos vai trocando o jornalismo de tintas "francesas", mais literário e opinativo, por outro, inspirado nos jornais norte-americanos, seguidor das regras da objetividade e buscando a "neutralidade" dos fatos. Como salientou Ana Paula Goulart, as reformas dos anos 50 assinalaram a passagem do jornalismo político-literário para o empresarial. A imprensa abandona definitivamente sua tradição de polêmica, de crítica e de doutrina e a substitui por um jornalismo que agora irá privilegiar a informação (transmitida "objetiva" e "imparcialmente" na forma de notícia) e que a separava (editorial e graficamente) do comentário pessoal e da opínião (Goulart, 2007, p.13).

Contudo, mesmo com uma imprensa mais empresarial e moderna, o jornalismo brasileiro em 1961 não escapara da crise. Com a renúncia de Jânio, em agosto, militares e setores mais conservadores tentaram impedir a posse do vice-presidente João Goulart, que

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

se encontrava em viagem oficial ao Oriente. A solução encontrada, como supracitado – o regime parlamentarista -, acalmou os ânimos exaltados, mas desencadeou uma forte censura à imprensa. Antes da renúncia, em 1º de julho de 1961, o governo extinguira o subsídio à fabricação do papel nacional – um golpe fatal na mídia impressa, que dependia deste subsídio – levando à uma rápida ascensão do preço do papel jornal e implicando na redução da circulação dos jornais, extinção de pequenos periódicos e entregando a imprensa ao controle das agências estrangeiras de publicidade (Sodré, 1999, p. 413).

A prevalência da informação sobre a política no conteúdo editorial dos jornais seria um processo lento e gradual, mesmo com as imposições da publicidade. No começo dos anos 60 a política ainda era presente, mas tinha que dividir espaço com matérias ligadas ao entretenimento ou sensacionalistas, como assinala Alzira Abreu:.

> O jornalismo de combate, de crítica, de doutrina e de opinião convivia com o jornal popular, que tinha como característica o grande espaço para o *fait divers* – a notícia menor, relativa aos fatos do cotidiano, a crimes, acidentes etc. –, para a crônica e parqa o folhetim. A política não estava ausente, mas era apresentada com uma linguagem pouco objetiva (ABREU, 2002, p. 12).

Essa presença dos *fait divers* na cobertura jornalística seria bastante explorada durante a apuração da tragédia envolvendo o Gran Circo Norte Americano. Em dezembro de 1961, mais de uma dezena de jornais e revistas disputavam a tenção de seus leitores, e o tom preponderante foi o da banalização do horror. Ou, como salientou o jornalista Mauro Ventura em seu livro "O espetáculo mais triste da Terra" (2011), a frequência com que é preciso "descrever o indescritível, narrar o indizível":

> (...) corpos irreconhecíveis, rostos desfigurados, peles calcinadas. Como manter o distanciamento? Como não se contagiar pela emoção diante de tanto sofrimento absurdo? Se hoje a dificuldade ainda é grande, imagine na época. Daí o tom exaltado, a linguagem exacerbada, os lugares-comuns, o excesso de sentimentalismo, as incontidas doses de pieguice que muitas vezes surgiam nas reportagens (VENTURA, 2011, p. 82).

Alguns exemplos foram coletados por Ventura em seu lvro, como o da revista *Fatos & Fotos*, que narrava o drama de uma menina a qual, internada no hospital Antonio Pedro em estado grave, balbuciara "Será que vou morrer sem ver o Papai Noel?". Segundo a reportagem, médicos e enfermeiras improvisaram uma roupa vermelha, uma barba postiça e ujm deles se fantasiou apenas para agradar a menina, que viu o falso Papai Noel, sorriu e

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

depois morreu. A *Tribuna da Imprensa* também buscou dramas pessoais, como o do dono de um bar que destruiu o estabelecimento ao saber que perdera a mulher e os três filhos na tragédia. O jornal *O Fluminense* estampava no título de sua manchete "Niterói abalada por dantesca e lutiuosa tragédia". Alguns dias depois, ao surgir um suspeito de ter ateado fogo ao circo, parte da imprensa o classificou como "monstro incendiário" ou "criminoso hediondo", enquanto um possível comparsa seria rotulado como "o repelente cúmplice". A revista *O Cruzeiro* deixava claro em sua edição semanal que "Niterói amanheceu de luto". Este era o tom nos jornais, rádios e TV. Nesta última, a empresa Nestlé retirou do ar os comerciais que, numa triste coincidência, faziam propaganda de um achocolatado, "gostoso como uma tarde no circo".

O fogo levou menos de dez minutos para consumir toda a lona do circo e matar centenas de pessoas queimadas, asfixiadas ou pisoteadas. Em vista disso e levando em conta que a apresentação ocorrera num fim de semana – dias em que os meios de comunicação estavam em regime de plantão, com menos pessoal – a princípio não saiu na imprensa nenhuma foto das chamas consumindo a lona. Apenas a destruição posterior. No entanto, três dias depois, o jornal *O Globo* anunciava em manchete na primeira página: "Flagrantes do circo em chamas!' Logo abaixo, fotos nítidas do circo pegando fogo no momento do incêndio. O feito foi anunciado pelo jornal como um "furo fotográfico internacional". Entretanto, aquelas fotos não haviam sido tiradas por nenhum fotógrafo do periódico, mas por um trapezista do circo, o qual, atônito e impotente diante do fogo, correu até seu trailer, pegou a máquina que comprara poucos dias antes "para registrar o cotidiano do circo" e começou a fotografar a tragédia. Vinha da Argentina e chamava-se Santiago Grotto. Assustado, pedira anonimato ao Globo ao entregar as fotos para o jornal, mas diante da insistência do periódico, a autoria das fotos seria revelada logo depois.

A rapidez com que as chamas destruíram o circo e levaram centenas de vida foi documentada por poucas imagens. A televisão não estava lá e só visitou o local no dia seguinte. Jornais diários não eram coloridos e as fotos eram todas em preto e branco. Até hoje as únicas fotos conhecidas do momento da tragédia são aquelas tiradas pelo trapezista argentino. Textos predominavam no corpo do jornal e ainda não haviam infográficos, tão comuns hoje. A apuração da imprensa da tragédia ocorrida em Niterói no final do ano de 1961 refletiu o grau de perplexidade de uma sociedade que vivera um pesadelo em dezembro e passou os últimos dias do ano em luto por seus mortos. Todas as comemorações de Natal e ano novo naquela cidade foram canceladas.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Santa Maria, janeiro de 2013

Um incêndio em uma cidade com menos de 300 mil habitantes atraiu olhares do mundo inteiro em Janeiro de 2013. Na madrugada do dia 28 de janeiro, Santa Maria, localizada no centro do Rio Grande do Sul, noticiava, em tempo real, a tragédia em uma boate que matou 242 pessoas e deixou mais de 130 feridos, em sua maioria jovens. Dentre estes jovens, havia, principalmente, estudantes da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), além de alunos dos cursos de Agronomia, Medicina Veterinária, Pedagogia e Tecnologia dos Alimentos que promoviam uma festa na boate Kiss visando arrecadar fundos para as respectivas festas de formatura. O incêndio aconteceu quando um grupo musical que se apresentava na casa noturna utilizou efeitos pirotécnicos como forma de atração. O local, que não possuía uma estrutura técnica capaz de suportar o efeito, além de poucas saídas de emergência, em poucos minutos ficou destruído pelas chamas. A grande maioria de mortes ocorreu por asfixia ou pisoteadas, devido ao desespero em deixar a boate, agravado pelo fato de que seguranças, ao lado de fora, sem saber o que acontecia, demoraram a liberar a saída, pensando que os jovens tentavam sair da boate sem pagar.

Como vimos, pouca coisa mudou no Brasil com relação à segurança contra incêndios nas décadas que se seguiram à tragédia envolvendo o circo em Niterói. Já na esfera jornalística, podemos dizer que o salto foi grande. O golpe de março de 1964 e o período ditatorial que se seguiu pelas duas décadas seguintes representaram grandes mudanças no quadro jornalístico do Brasil. O regime militar - entronizado no poder com forte consentimento civil e apoio dos grandes jornais -, ao mesmo tempo em que censurava matérias e interferia no conteúdo da informação, financiou a modernização dos meios de comunicação, como ressalta Alzira Abreu:

> Isso se explica porque, para eles [os militares], essa modernização era parte de uma estratégia ligada à ideologia da segurança nacional. A implantação de um sistema de informação capaz de "integrar" o país era essencial dentro de um projeto em que o Estado era entendido como o centro irradiador de todas as atividades fundamentais em termos políticos. (...) Nas três últimas décadas do século XX, transformações de grande envergadura ocorram na imprensa brasileira. Foram feitos vultosos investimentos em equipamentos, novas técnicas foram introduzidas, a estrutura das empresas, assim como sua gestão administrativa mudou, houve uma grande concentração de veículos de comunicação e, por outro lado, um grande alargamento e diversificação do público consumidor, que hoje tem dimensão nacional. Evidentemente, esse movimento de modernização se refletiu na própria atividade jornalística e no perfil do profissional da imprensa (ABREU, 2002, p. 7).

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Sem dúvida a evolução da técnica foi fundamental e um dos principais instrumentos para a modernização da imprensa no Brasil e no mundo. Os avanços nessa área, com o desenvolvimento das telecomunicações, a difusão da informática a partir dos anos 80, as novas possibilidades de impressão e de registro audiovisual, ocorreram em escala mundial e afetaram a coleta de informações, a produção da notícia e sua distribuição (Abreu, idem). .

A entrada em cena das novas tecnologias de informação e comunicação, possibilitadas pela sinergia entre os setores da informática, das telecomunicações e dos meios de comunicação, propiciou o fenômeno da convergência tecnológica; um processo, segundo Jenkins (2009) mais cultural do que tecnológico, no sentido de que as pessoas passaram a buscar suas informações em múltiplos suportes e com muito mais mobilidade, num verdadeiro "comportamento migratório" do consumidor – agora, o receptor busca a interatividade com os produtores das notícias, ao contrário do consumo de informação na indústria cultural tradicional, mais ligada á leitura passiva dos conteúdos – dentro das mídias reconfiguradas da atualidade. Desta forma, a internet possibilitou uma mudança cultural e comportamental em todos os setores, e o jornalismo não deixaria de ser afetado.

> A internet rearticularia a produção de conteúdos em outras mídias, especialmente no jornalismo impresso. As agências de notícias, nacionais e internacionais, passariam a oferecer seus produtos com mais rapidez, através da rede. No fim dos anos 80, as redações dos principais jornais brasileiros estavam conectados, mesmo que por uns poucos terminais, à rede de computadores. A nova mídia não constituía apenas uma plataforma diferente para o mesmo noticiário. Ela abria a possibilidade de uma nova linguagem jornalística, acirrando a interatividade com os leitores que antes se limitava às seções de carta dos jornais e revistas. Ou seja, no caso de uma reportagem polêmica, o leitor podia agora ser estimulado a escrever uma mensagem eletrônica (email) dando sua opinião assim que se inteirava do assunto (KISCHINHEVSKY, Marcelo & SOUZA, Rogério, 2010).

A informação levada até o público na noite da tragédia na boate Kiss e nas semanas seguintes foi rapidamente potencializada por diversos meios midiáticos; sendo a televisão a principal transmissora da tragédia. Rádios, internet (sites, blogs e redes sociais), jornais locais e nacionais também contribuíram para que a informação fosse levada para todo o país. Diferente da tragédia em Niterói, quando o número exato de mortos nunca foi estipulado com exatidão, em Santa Maria a listagem com os nomes dos mortos e feridos da tragédia era divulgada a cada dia.

Num primeiro momento, a imprensa de fora do Rio Grande do Sul tinha como fonte a mídia impressa local, que repassava as informações depois de noticiar em seus veículos e

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

passar todo o material textual e visual para as outras localidades. Na semana da fatalidade, o acompanhamento era diário e, bem a exemplo de nossos dias, em tempo real, realizado por várias mídias. Uma contribuição fundamental foi dada pelas redes sociais da internet, que levavam noticias informais para toda a rede, as quais, minuto a minuto, eram espalhadas pelos quatro cantos do país. Há indícios que os primeiros pedidos de socorro aconteceram de dentro da boate pelas redes sociais, quando os jovens estavam impedidos de saírem pela falta de segurança física em que estavam submetidos[7].

Houve um envolvimento de todas as mídias, e grande concorrência dentro da imprensa por novidades envolvendo o incêndio. Após a tragédia, noticiada prioritariamente, os jornais locais *A Razão*, e *Diário de Santa Maria* (Impressos e Digitais) continuaram acompanhando o caso até junho de 2013, quando a última vítima da tragédia saiu do hospital, depois de meses internada pela inalação da fumaça. Os jornais locais buscaram sempre uma cobertura mais profunda, a fim de se diferenciar do noticiário mais veloz e superficial dos sites da internet.

No periódico *A Razão* e no *Diário de Santa Maria*, os títulos das manchetes eram, respectivamente, "Tragédia em Santa Maria" e "Incêndio em boate em Santa Maria causa morte de dezenas de pessoas". A internet foi o meio mais rápido de disseminação da informação, já que o incêndio aconteceu na madrugada de domingo, quando praticamente todos os jornais impressos já estavam com sua diagramação pronta e sem tempo hábil para ser diagramado um novo. As redes sociais também contribuíram para que as primeiras informações fossem repassadas para o resto do Brasil, e consequentemente noticiadas em alguns jornais estrangeiros. Assim, pode-se dizer que num primeiro momento a internet superou em agilidade o noticiário das TVs e dos jornais impressos.

No momento da tragédia na boate Kiss, praticamente todos os grandes jornais nacionais e locais brasileiros já tinham seu próprio site na internet para divulgar informações. Vejamos o exemplo do supracitado *A Razão*: trata-se de um jornal diário fundado em outubro de 1934. No início do século XXI, depois de toda uma modernização da imprensa, são criados sites não só para os jornais do Sul, mas para tantos outros espalhados pelo Brasil, nos quais noticias possam ser entregues mais rápidas. Em duas semanas, foram 35 páginas no site, atualizados diariamente, e 14 edições no jornal

[7] A estudante Michelle Cardoso postou às 3h20 da manhã no Facebook a mensagem "Incêndio na Kiss. Socorro!". Ela morreria logo depois. Em "Mulher pediu socorro pelo Facebook: 'Incêndio na Kiss'". Site do Estado de São Paulo, disponível em http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,-mulher-pediu-socorro-pelo-facebook-incendio-na-kiss-,989558,0.htm

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

impresso, com chamadas nas manchetes relacionadas ao evento. Situação similar ocorreu com o jornal *Diário de Santa Maria*, no mercado há 11 anos e contando hoje com a utilização dos dois meios: digital e impresso. Fora estes, outros periódicos noticiaram informações pela rádio *Santamariense* e pela *TV Pampa* que transmitia em tempo real o que acontecia na madrugada, até os meios de comunicação da TV aberta ocuparem o local para divulgarem informações.

Além dos jornais locais, outros veículos também designaram seus repórteres para cobrir a tragédia. Algumas emissoras de TV de grande porte mandaram seus âncoras de telejornais para apresentarem o noticiário diretamente da cidade em rede nacional. Patrícia Poeta, âncora do *Jornal Nacional*, apresentou as noticias em parceria com o companheiro de bancada, William Bonner, diretamente de Santa Maria, mostrando de perto e durante vários ângulos a cobertura dos desdobramentos da tragédia. Durante algumas semanas, as manchetes de vários jornais centraram-se no ocorrido na boate. Sempre com o enfoque principal na quantidade de mortos que em cada momento crescia desesperadamente.

Alguns jornais da mídia impressa com maior infraestrutura levaram ao público, em suas edições seguintes, assuntos relacionados a todo o contexto da boate, como a questão da segurança, a banda que deflagrou o incêndio, governo, donos da boate, famílias dos jovens etc. Jornais e em especial revistas usaram variados infográficos a fim de mostrar o interior da boate antes, durante e depois do fogo. A repercussão da tragédia fez com que o ministério público fechasse dezenas de casas noturnas em situação irregular em diversas regiões do país. Pautas derivadas da tragédia, como falta de segurança, fiscalização em casas noturnas etc, foram comuns em revistas, jornais e na TV, procurando repercutir o trágico episódio.

Os blogs e as redes sociais serviram também como apoio e divulgação das necessidades que a cidade estava precisando durante a movimentação na semana, complementando o que era divulgado na mídia tradicional. Além de repercutirem informações sobre número de mortos, declarações do governo local e nacional – como a informação de que a presidente Dilma Roussef estaria na Cidade – junto a muitas palavras de apoio e de solidariedade foram transmitidas diariamente. Um blog de Santa Maria foi muito comentado e recomendado quando seu autor, Joelison Freitas, fez uma homenagem para os amigos que perdeu e para aqueles que sobreviveram, além de divulgar o pedido do governo para quem quisesse ser voluntário e ajudar, pois os hospitais e os lugares de apoio estavam cheios e precisando de ajuda profissional.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Jornais tradicionais no mercado há anos souberam lidar com a informação e não se desesperaram com tanta informação que chegava à redação. Todos possuíam suas estruturas relacionadas aos padrões das empresas, claro, não fugindo as regras jornalísticas. *O Dia* e *O Estado de São Paulo* levaram seus conteúdos com apresentações mais variadas na parte gráfica. Enquanto outros jornais centraram-se apenas na apuração dos fatos, estes periódicos tiveram nos infográficos e nas fotos seu diferencial, que os levou a fazer um caderno especial só com informações atualizadas do incêndio. Alguns, como o *Zero Hora* e o *Estado de São Paulo*, abandonaram o colorido das suas primeiras páginas para eleger o preto e branco em sinal de luto pelos mortos. A revista *Veja* e outras de conteúdo informativo também incluíram em suas edições especiais toda a cobertura da boate, com reportagens especiais que chegavam a mais de dez páginas relacionadas ao assunto.

Durante a cobertura em Santa Maria, houve uma grande virada dos holofotes midiáticos para o centro do Rio Grande do Sul, local de onde era noticiado para indivíduos do país inteiro o passo a passo, em tempo real, a cada minuto, de tudo que aconteceu nos dias, semanas e meses seguintes à tragédia, quando a investigação sobre as causas do incêndio, a prisão dos principais acusados e cada morte de pessoas internadas continuava sendo destaque nas manchetes e nas chamadas dos jornais.

Considerações finais

A comoção causada pelas tragédias em Niterói e em Santa Maria foi não só nacional como mundial, apesar das cinco décadas transcorridas. Em Niterói, celebridades internacionais não se furtaram a expressar suas condolências, e a atriz italiana Gina Lollobrigida doou sangue, enquanto o papa João XXIII rezou missa e enviou um cheque para ajudar no tratamento dos feridos. Santa Maria rendeu uma campanha voluntária de ajuda atingiria também países do exterior. No entanto, se considerarmos a difusão das duas notícias trágicas, Santa Maria esteve na frente.

Com todo o desenvolvimento midiático que a sociedade experimenta em 2013, fica cada vez mais rápida e fácil a disseminação da informação nas mais diversas mídias, o que leva não só veículos de comunicação tradicionais, mas também outras pessoas, assim como na boate, a transmitirem informações. A interatividade proporcionada pelas mídias digitais faz com que o indivíduo comum sinta-se cada vez mais compelido a não só consumir mas

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

também participar do processo produtivo, quer seja recebendo as informações, seja produzindo noticiário. Este processo pode facilitar a divulgação dos acontecimentos em momentos que são necessários, como já provaram os aparelhos celulares dotados de internet, os *smartphones* – usados não só em Santa Maria, mas também em revoltas e mobilizações de rua em países da Europa e do norte da África na chamada Primavera Árabe.

Como vimos, hoje, praticamente todos os jornais impressos, já possuem sua versão digital para que possam noticiar eventos, notas, acontecimentos, sem que a próxima edição impressa seja publicada. Isso demonstra que as mídias tradicionais não querem competir com as mídias digitais, mas captar o melhor destas para convergirem e encontrar um meio de melhor divulgar a informação, chegando assim a mais e diversos públicos. Ou seja, a palavra a ser utilizada não seria substituição, no sentido de uma mídia substituir outra que deixaria de existir, mas sim uma mídia já existente (tradicional) complementando outra (digital). Foi essa complementaridade dos meios midiáticos no trágico evento em Santa Maria – jornais, rádios, televisão, redes sociais, blogs, sites, *smartphones* - o diferencial mais observável na comparação entre as duas tragédias aqui pesquisadas.

Referências bibliográficas:

ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa (1970-2000).** Zahar Editora, 2002.

FREITAS, Joelison. **Passado o pesadelo é hora de continuar**. Blog do Joelison Freitas, Rio Grande do Sul, Janeiro/Fevereiro 2013. Link disponível em http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,-mulher-pediu-socorro-pelo-facebook-incendio-na-kiss-,989558,0.htm...

HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural na esfera pública**. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário, 1984.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Rio de Janeiro: Editora Aleph, 2009.

LAZZAROTTO, Beliza & VIECELI, Leonardo. **Efeito Kiss influencia cobertura jornalística de incêndio**. Revista virtual Unicos, da Unisinos. Disponível em http://www.unicos.cc/efeito-kiss-influencia-cobertura-jornalistica-de-incendio/#.UeCMa8e5eP8.

KISCHINHEVSKY, Marcelo & SOUZA, Rogério. **Jornalismo contemporâneo e linguagens de mídia**. Rio de Janeiro: Departamento de Comunicação e Cultura do Exército, 2010.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

VENTURA, Mauro. O **espetáculo mais triste da Terra**: o incêndio do Gran Circo Norte-Americano. Editora Cia das letras, 2011.ABREU, Alzira Alves de. A modernização da imprensa (1970-2000). Zahar Editora, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Mauad.